

EM VIAS DE EXISTIR:

UMA LEITURA DE *LE CORPS
LESBIEN, DE MONIQUE WITTING*
Naná DELUCA¹

Une lesbienne qui ne reinvente pas le monde est une lesbienne en voie de
disparition.
(BROSSARD, 1997: 56)

RESUMO: O presente texto propõe uma investigação do livro *Le corps lesbien*, de Monique Wittig, de maneira a colocar em diálogo as noções do teórico Édouard Glissant, a fortuna crítica de Monique Wittig e os próprios textos teóricos e críticos da autora. Tais pontes foram construídas a partir da potencialidade percebida entre o pensamento glissantiano e os Estudos de Gênero, como também da releitura de *Le corps lesbien* a partir de uma perspectiva que extrapola as disciplinas feministas. Para tal, partiu-se dos conceitos de Opacidade, Relação, Identidade e Poética, da maneira como foram formulados por Glissant, colocando-os de encontro com as ideias de Wittig, literariamente exploradas no livro em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de gênero, escrita lésbica, Wittig, Glissant

¹ Mestranda na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. Email: nanadeluca.oliveira@gmail.com

ON THE VERGE OF EXISTENCE: READING MONIQUE WITTIG'S *LE CORPS LESBIEN*

ABSTRACT: The following article investigates Monique Wittig's novel, *Le corps lesbien*, by promoting dialogues between the work of martinican thinker Édouard Glissant and the critical fortune on Wittig's work as well as her own literary and theoretical pieces. This approach was motivated both by the potential Glissant's work offers once inside the Gender Studies perspective and the elaboration of a critical reading of *Le corps lesbien* which exceeds the feminist field. In order to do so, the concepts of Opacity, Relation, Identity and Poetics, formulated by Glissant, were confronted with Wittig's proposals, literarily explored in the novel in question.

KEYWORDS: Gender studies, lesbian writing, Wittig, Glissant

WITTIG E GLISSANT: NOMEAR, EXISTIR

[*Le corps lesbien* é] O mais inclassificável de seus livros no plano formal - seria preciso o situar no encontro entre a narrativa e o poema, a litania e a encantação - é também o mais audacioso de todos por seu tema: o corpo lésbico, jamais enfrentado na literatura francesa, e por sua forma em fragmentos, reconstituindo o corpo despedaçado (logo se pensa no mito egípcio onde o corpo disperso de Osíris é reconstituído por Ísis). Além disto, através das cento e dez peças líricas que compõem o livro, e que chamaremos de *cantos* para sublinhar sua qualidade melódica, os mitos se tornam uma 'matéria prima' do texto tanto quanto as palavras. (BOURQUE, 1994: 6)²

Le corps lesbien de Monique Wittig não é refém de nenhuma classificação. Não podemos pontuá-lo como narrativa, nem negar sua narradora; tampouco é possível enclausurá-lo ao *poema em prosa*, embora não se possa afirmar categorica-

² Do original: "[Le corps lesbien est] Le plus inclassable de ses livres sur le plan formel – il faudrait le situer à la croisée du récit et du poème, de la litanie et de l'incantation – il est aussi le plus audacieux de tous par son thème: le corps lesbien, jamais abordé de front dans la littérature française, et par sa facture en fragments, reconstituant le corps lesbien morcelé (on pense bien sûr au mythe égyptien où le corps dispersé d'Osiris est rassemblé par Isis). En outre, à travers les cents dix pièces lyriques qui composent ce livre, et que l'on appellera chants pour souligner leur qualité mélodique les mythes deviennent une 'matière première' du texte au même titre que les mots." Tradução minha.

mente que não o é; misturam-se à esta hibridez formal os elementos míticos (ecos de épicos há muito escritos) e a dimensão onírica, utilizados pela autora para contar esta história do *corpo lésbico*. É este corpo o centro gravitacional por onde orbita este encontro *inclassificável*.

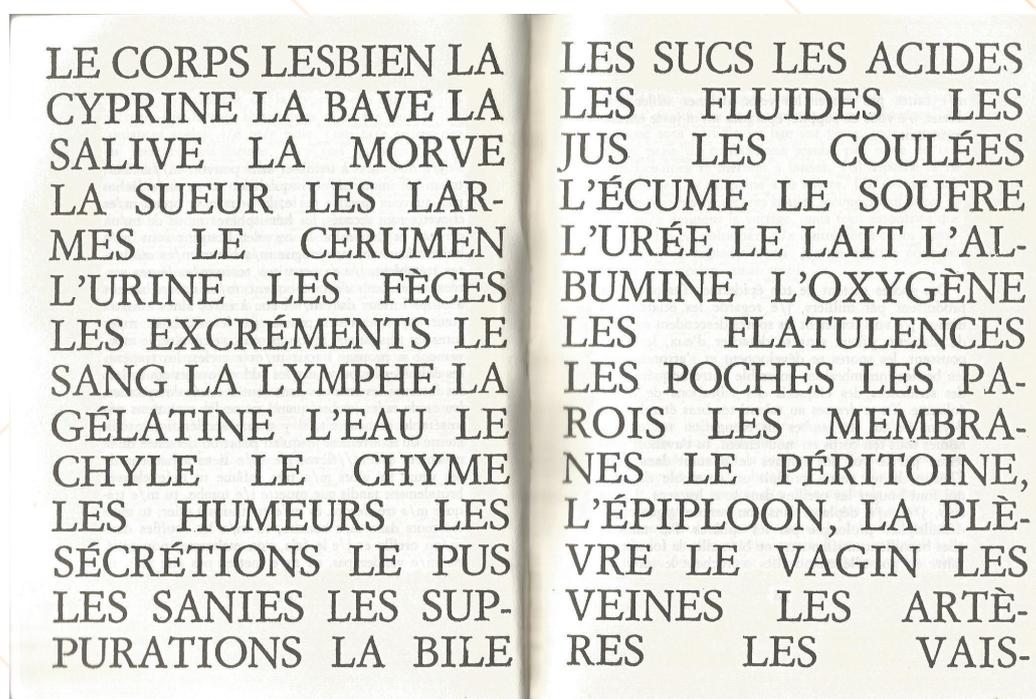
Em seu prefácio à edição estadunidense (que não consta na edição francesa) Wittig escreve que o livro possui como tema a lesbiandade, que não pode sequer ser apresentada como um tema tabu, pois “não possui existência real na história da literatura” (WITTIG, 1975). A partir da afirmação de que a literatura masculina homossexual é detentora de um passado e de um presente, a autora garante que se se leu os poemas de Sappho e de Sylvia Plath, os contos de Anaïs Nin, o *Well of Loneliness* de Radclyffe Hall, e o romance *La Bâtarde*, de Violette Leduc, leu-se tudo o que há para ser lido no que tange à literatura lésbica. E, assim, conclui que *Le corps lesbien* é um livro escrito por uma mulher para outras mulheres, sem levar em conta a aprovação masculina. A autora insere, desta forma, seu livro dentro de uma tradição às avessas, pois é a partir da ausência desta tradição que Wittig justamente a afirma. *Le corps lesbien* é o último elo ligado à uma tímida corrente. É notável que a autora tenha assim escolhido apresentar seu livro, a partir da nomeação dos textos cuja existência foram determinantes para que ele se desse, pois a dimensão intertextual de *Le corps lesbien* passa por todas as autoras às quais se filia em sua autoproclamada genealogia, em paralelo à recriação e reelaboração dos mitos da antiguidade (BOURQUE, 1994). Wittig, assim, concebe uma literatura lésbica e, ao mesmo tempo, uma literatura não subjugada aos valores masculinos (ou, para bem definir a história da literatura ocidental e a formulação de seus paradigmas: viricêntricos, heterossexuais e eurocêntricos) realizando, assim, um movimento de cisão entre aquilo que ela e outras escreveram e a história literária tradicional.

Há uma contradição, no entanto, em afirmar que a lesbiandade não é sequer tabu, pois não existe na literatura e prosseguir enumerando onde a lesbiandade existiu na literatura: Nin, Plath, Leduc, Sappho, Hall. Tendo em vista que o tabu é tudo aquilo que não pode ser nomeado, ou seja, sobre o que não deve recair discurso, Wittig entra em paradoxo ao afirmar ela mesma quais foram os discursos literários sobre a lesbiandade. Não acredito, contudo, que se trate de um paradoxo aleatório (tampouco involuntário). Ao afirmar a inexistência e a existência simultaneamente, Wittig aponta para a invisibilidade lésbica (COSTA, 2011). Não se trata de não terem existido estes discursos, mas de afirmar esta existência. Acredito ser esta sutil entrada em contradição a força maior do prefácio de Wittig, pois *aquele que diz se nomeia, resta a ele nomear aquele que se cala, quer dizer, conceber sua concreta existência* (GLISSANT, 1981: 196)³.

³ “Celui qui dit se nomme, il lui reste à nommer celui qui se tait, c’est-à-dire à concevoir son épaisse existence.”

⁴ “The body of the text subsumes all the words of the female body. *Le corps lesbien* attempts to

Faz lembrar, mesmo que por vias inusitadas, uma das máximas de Oswald de Andrade: *Transformar o tabu em totem*. O tabu de Wittig, ou o silêncio a ser transformado em totem, é o corpo lésbico. Não se trata de uma adoração cega a este corpo e tampouco idealizada; longe disso, Wittig desconstrói o *corpo lésbico* de maneira a afirmá-lo em sua totalidade: “O corpo do texto subsume todas as palavras do corpo feminino. *Le Corps Lesbien* é a afirmação de sua realidade. A lista de nomes contribui para esta atividade. Recitar o próprio corpo, recitar o corpo do outro, é recitar as palavras com as quais este livro é feito”⁴. Os cantos líricos que compõem o texto são, por vezes, subitamente interrompidos; interrupção esta que não se dá somente no plano do conteúdo, mas também graficamente. A fonte é alterada, todas as letras maiúsculas, sem pontuação, gerando o efeito de uma lista em caixa alta que toma duas páginas:



Trecho do livro *Le corps lesbien*

Estes momentos de ruptura se prestam a encadear palavras e termos ligados ao corpo que não são subjetivos, mas fisiológicos. Enfatizam, assim, uma abordagem não idealizada em relação ao corpo feminino, mas extremamente humanizadora: as flatulências, as artérias, as secreções, o oxigênio, a urina; todos dados cruamente biológicos de um corpo que é culturalmente idealizado. Virginia Woolf escreveu:

⁴ “The body of the text subsumes all the words of the female body. *Le corps lesbien* attempts to achieve the affirmation of its reality. The list of names contribute to this activity. To recite one’s own body, to recite the body of the other, is to recite the words of which the book is made up.” (WITTIG, 1975: p.9) Tradução minha.

Não sendo historiadores, podemos até ir mais longe e dizer que mulheres brilharam como fochos luminosos em todas as obras de todos os poetas desde o início dos tempos (...) os nomes afluem à mente em bandos, nem lembram mulheres “carentes de personalidade e caráter”. De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita por homens, poder-se-ia imaginá-la como uma pessoa de maior importância: muito versátil, heroica e mesquinha, admirável e sórdida, infinitamente bela e medonha ao extremo (...) (WOOLF, 1985: 57).

O que Woolf quer demonstrar com seu ensaio é a maneira como a mulher retratada na literatura escrita por homens não é compatível com a mulher na realidade social, fazendo um trabalho comparativo entre os discursos médicos sobre a mulher e os literários para mostrar esta diferença: enquanto cientistas procuravam provar a inferioridade da mulher, a literatura colocava-a em falsos pedestais através de idealizações radicais. O que este trecho infere, contudo, é a maneira dicotômica através da qual a mulher era representada: infinitamente *bela e medonha* ao extremo. Para a crítica feminista, tais construções binárias foram chamadas de dicotomia puta/santa⁵, que abarca boa parte destas mulheres criadas pela literatura masculina ocidental. Wittig, por sua vez, foge desse padrão. *Le corps lesbien* promove uma abordagem distinta; o corpo da lésbica narrado pela autora, escrutinado tanto em sua condição biológica quanto cultural, não é objetificado neste processo. Trata-se de um trabalho poético que busca, antes de tudo, dizer a existência deste corpo esquecido e silenciado culturalmente:

É a vontade [da poesia] desfazer os gêneros, essa separação que foi tão proveitosa, tão frutífera no caso das literaturas ocidentais. Eu acredito que nós podemos escrever poemas que são ensaios, ensaios que são romances, romances que são poemas. Quero dizer que nós tentamos de desfazer os gêneros precisamente porque sentimos que os papéis que foram delegados a esses gêneros na literatura ocidental não convém

⁵ “Sendo assim, a instituição do casamento (monogâmico) e, com ele, da família (mononuclear burguesa) seriam os grandes responsáveis pela divisão das mulheres em dois únicos modelos possíveis, aparentemente opostos mas essencialmente complementares: o da santa (a que “serve para casar”) e o da puta (a que “não serve para casar”). Voltando novamente a Engels, a puta (cortesã) seria uma espécie de trabalhadora assalariada, que alugaria seu corpo em troca de seu sustento, e a santa seria uma espécie de serva, que venderia seu corpo para sempre a seu único proprietário, o marido (...)” (OLIVEIRA: RODRIGUES, 2013: p.3)

mais para nossa investigação do imaginário, das profundezas, do não-dito, dos tabus. (GLISSANT, 2010: 29-30)⁶

O hibridismo textual proposto por Wittig casa com as afirmações de Glissant, sobretudo na medida em que busca, antes de tudo, dizer e investigar este *proibido* não-dito e fazê-lo de forma a não se limitar a representar o real desta existência; não se trata de relatar, mas de resgatar e recriar seu imaginário (lembrando a tradição que a escritora afirma movimentar em seu prefácio para tal). Quando Wittig propõe uma breve historiografia literária lésbica, deixa claro que há um ponto de fratura; uma hierarquia que, pelos valores sociais e culturais, exclui as mulheres. Nesta nomeação não está apenas o ato político, mas a marcação da lembrança: uma memória histórica que sugere ter sido esquecida ou, no mínimo, negligenciada.

A escrita de *Le corps lesbien* tem em sua origem o movimento criador tal como colocado por Glissant: aquele que concebe à existência própria e a do outro, daqueles à quem não foi dado o direito de existir. Wittig, assim, poetiza o corpo lésbico para *nomear*, no sentido dado por Glissant ao gesto, a lésbica. Ao mesmo tempo, este movimento não se conforma a somente uma maneira de fazê-lo, mas reúne diversas formas literárias que juntas procuram dizer um todo.

A partir deste forte vínculo inicial – o poder do poético de *nomear* e trazer à luz aquilo que antes estava obscurecido – proponho uma exploração do livro de Wittig que leve em conta outras noções de Glissant, contrastando os postulados teóricos de um e de outro com o intuito de buscar possíveis confluências entre os pensamentos e criações de ambos. Meu objetivo primeiro é trazer à fortuna crítica sobre Monique Wittig o ponto de vista de Glissant – diálogo que por princípio pareceu-me frutífero de ser posto à prova, uma vez que colocar ambos para dialogar é também colocar muitos outros. Para tal aproximação, além da noção de *nomear* já apresentada, elegi as noções de Opacidade, Relação, Poética e Identidade, entre outras que irei tangenciar ao longo de minha análise, todas possíveis de serem pensadas junto à criação literária de Wittig em *Le corps lesbien*, conjuntamente à fortuna crítica acerca do trabalho da autora. O presente texto nasceu, assim, de uma motivação que, de um lado, procura pensar as teorias de Glissant dentro do prisma dos estudos de gênero e, de outro, espera colaborar com a fortuna crítica sobre Monique Wittig trazendo esta perspectiva para a análise de sua obra.

⁶ Do original: “C’est la volonté [de la poésie] de défaire les genres, cette partition qui a été si profitable, si fructueuse dans le cas des littératures occidentales. Je crois que nous pouvons écrire des poèmes qui sont des essais, des essais qui sont des romans, des romans qui sont des poèmes. Je veux dire que nous essayons de défaire les genres précisément parce que nous sentons que les rôles qui ont été impartis à ces genres dans la littérature occidentale ne conviennent plus pour notre investigation qui n’est pas seulement une investigation du réel, mais qui est aussi une investigation de l’imaginaire, des profondeurs, du non-dit, des interdits.” Tradução minha.

LINGUAGEM QUEER E OPACIDADE: *LE CORPS LESBIEN* E A VIOLÊNCIA

Em seu ensaio *A Mente Hétero*, Monique Wittig retoma os discursos basilares das ciências humanas, como a troca de mulheres proposta por Lévi-Strauss e o pensamento psicanalítico de Freud, e também de estudiosos da linguagem como Barthes. Ao analisá-los, afirma:

Os discursos que acima de tudo nos oprimem, lésbicas, mulheres, e homens homossexuais, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade. Estes discursos falam sobre nós e alegam dizer a verdade num campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se, no tocante a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles. Tudo quanto os põe em questão é imediatamente posto a parte como elementar. A nossa recusa da interpretação totalizante da psicanálise faz com que os teóricos digam que estamos a negligenciar a dimensão simbólica. Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias. (WITTIG, 1992: .2) Grifos meus.

A base do pensamento de Wittig é o combate à matriz heteronormativa que tem como pressuposto uma heterossexualidade essencial e marca indivíduos não pertencentes a esta norma como *desviantes*. O foco crítico de Wittig recai nas questões de linguagem e discurso, sobretudo na maneira como estes estão permeados pelas categorias binárias próprias à heterossexualidade compulsória e que terminam por obrigar o indivíduo dissidente⁷ a se comunicar somente nesta chave.

Para além da união de diversos gêneros literários, na escrita de *Le corps lesbien*, Wittig realiza um inusitado ataque à língua francesa. Não utiliza o pronome *Je* e os pronomes possessivos *ma*, *mon* e *mes* da maneira convencional, mas fragmenta-os:

⁷ Embora Wittig fale em mulheres, lésbicas e homens homossexuais, não mencionando indivíduos transgêneros, travestis ou transsexuais, acredito ser pertinente, à luz do atual contexto, falar na dissidência como um todo, tanto de gênero quanto de sexualidade, já que sua crítica sobre os discursos heterocompulsórios compreende também estes sujeitos. É preciso realçar que Monique Wittig está em um momento da teoria feminista no qual esta discussão ainda não havia se iniciado, de forma que usa o vocabulário de sua época.

e/u seguro teu rosto entre m/inhas mãos, e/u te falo, tua língua grande passa sobre meus olhos, tu m/e seduzes os ombros os seios os braços a barriga a vulva as coxas, vem um momento onde toda febril tu m/e prendes sobre tuas costas m/inha loba m/eus braços ao redor de teu pescoço m/eus seios m/inha barriga apoiados em tua pele m/inhas pernas te envolvem os quadris m/eu sexo roçando tua cintura, tu começa a galopar. (WITTIG, 1973: 15)⁸

Cada canto de *Le corps lesbien* narra e descreve a relação entre duas mulheres, narradora e personagem, oscilando entre o erótico e o fantástico (há um canto em que a eu-lírico/narradora transforma-se em mosca e entra no corpo de sua amante). Quais são os possíveis significados para esta violência tipográfica no texto de Wittig? Ainda no prefácio à edição estadunidense, Wittig busca responder de antemão a esta pergunta afirmando que esta desconstrução está calcada no *desejo de trazer o corpo real violentamente à vida nas palavras do livro (tudo que está escrito existe), o desejo de fazer a violência escrevendo na língua na qual Eu [j/e] posso entrar somente à força* (WITTIG, 1975: 10)⁹. Assim, no cerne da fragmentação do sujeito e dos pronomes que o designam na língua está essa possibilidade de entrada na linguagem para o sujeito não-heterossexual ou dissidente.

Esta violência declarada não foi bem recebida por alguns críticos. Englebrecht acredita ser frustrada a tentativa de Wittig, afirmando que o *J/e* não pode “entrar na linguagem, ele é a linguagem” além de promover a ideia de que a lésbica deve *entrar à força* na cultura, o que não seria uma estratégia lésbica, mas antes um eco dos abusos da cultura falocêntrica em relação ao corpo da mulher. A esta crítica se opõe a resposta de Shaktini, que aponta um descaso de Englebrecht ao fazer essa afirmação, tendo em vista a teoria saussuriana da linguagem que originou os postulados de Benveniste, nos quais se pauta Wittig; para ela, Englebrecht ignora a diferença entre um sistema e um ato perante este sistema. De acordo com Shaktini, esta desconstrução de Wittig remete à ideia de Benveniste de que a subjetividade não é construída na instância da *langue*, mas naquela da *parole* e, portanto, o sujeito cuja opressão está na própria língua, precisa criar uma linguagem em alguma medida emancipatória. Para além disto, Shaktini afirma que Wittig cria um significado sem significante, pois o objetivo de seu livro é justamente *resignificar* o corpo da lésbica,

⁸ Do original: “(...) j/e prends ta tête entre m/es mains, j/e te parle, ta grande langue passe sur m/es yeux, tu m/e lèches les épaules les seins les bras le ventre la vulve les cuisses, il vient un moment où tout enfiévrée tu m/e prends sur ton dos m/a louve m/es bras autour de ton cou m/es seins m/on ventre appuyés à ta fourrure m/es jambes t’enserrant les flancs m/on sexe sautant contre tes reins, tu te mets à galoper.” Tradução minha.

⁹ “The desire to bring the real body violently to life in the words of the book (everything that is written exists), the desire to do violence by writing to the language which I [j/e] can enter only by force.” Tradução livre.

o que não poderia ser feito a partir da estrutura convencional da língua francesa, como demonstrei a partir do próprio ensaio de Wittig. Para lembrar a afirmação de Barthes em sua aula inaugural no Collège de France de que a língua é fascista, pois obriga a dizer de uma determinada forma, Wittig recusa-se a dizer da forma como legisla o sistema da língua francesa, rompendo com ele:

(...) que tu percas o sentido da manhã e da noite da estúpida dualidade com tudo que a segue, que tu te distendas tal como e/u te vejo enfim sobre o maior espaço possível, que tua compreensão abrace a complexidade do jogo dos astros e das aglomerações femininas, que neste lugar tu combatas a ti mesma em um confronto frenético seja sob a forma do anjo seja sob a forma da demônia (...) (WITTIG, 1973: 167)¹⁰

Neste trecho acima acredito que ficam evidentes dois aspectos importantes do texto de Wittig: o antibinarismo, já que a narradora (ou eu-lírico) clama para que sua amante abandone as dicotomias, que perca *o sentido da manhã e da noite e da estúpida dualidade com tudo que a segue*, ao mesmo tempo que, quando fala da forma anjo e da forma demônio expõe ambas como possíveis. Ou seja, não se trata somente de não mais ceder às oposições binárias, mas também não mais ceder à sua pretensa fixidez. Em minha análise, a fragmentação linguística do sujeito proposta por Wittig converge em primeira instância com o *Je est un autre* de Rimbaud: O *J/e* fragmentado, assim como os pronomes (des)possessivos, permitem neles a presença do Outro. Contudo, a aparente violência que Wittig tem como motor criador de sua poética, torna-se ainda mais interessante se pensamos, para além da fortuna crítica de Wittig, por uma perspectiva glissantiana:

Não apenas consentir no direito à diferença, mas, antes disso no direito à opacidade, que não é o fechamento numa autarquia impenetrável, mas a subsistência numa singularidade não-redutível. (GLISSANT, 1990: 134)

O direito à Opacidade, defendido por Glissant, concerne ao direito de não ser compreendido, mas de também não ser atacado dada esta incompreensão, pois *opacidades podem coexistir, confluir e tramar os tecidos cuja verdadeira compreensão levaria à textura de certa trama e não à natureza de seus componentes*

¹⁰ Do original: "(...) que tu perdes le sens du matin et du soir de la stupide dualité avec tout ce qui s'ensuit, que tu t'étendes telle que j/e te vois enfin sur le plus grand espace possible, que ta compréhension embrasse la complexité de jeux des astres et des agglomérations féminines, qu'en ce lieu tu te combattes toi-même dans un affrontement forcené soit sur la forme de l'ange soit sous la forme de la démone (...)". Tradução minha.

(GLISSANT, 1990: 134). Glissant, assim como Wittig, se mostra extremamente contrário aos discursos essencialistas, pois buscar aquilo que há de essencial no ser converter-se-ia na busca por uma totalidade homogeneizante, ela própria maior obstáculo da totalidade verdadeira: aquela que permite à Opacidade.

David Van Leer, pesquisador estadunidense das culturas *queer*, afirma que “com frequência minorias falam mais abertamente entre as linhas, ironicamente reconstruindo diálogos que o opressor acredita controlar ou mesmo encontrando novos tópicos e modos de falar para os quais o próprio opressor carece de acesso” (LEER apud Anna T., 2014: 3). Poderíamos traduzir esta afirmação por: minorias buscam estratégias linguísticas que não compactuem com as linguagens de seus opressores. Ou ainda, simplesmente: minorias, com frequência, exercem o direito à Opacidade na linguagem. Parece-me ser esta a grande busca de Wittig presente em *Le corps lesbien*, evidenciada por seu aberto ataque à língua francesa.

Ao usufruir de seu direito à Opacidade, a escrita de *Le corps lesbien* - cujo leitor-alvo, *mulheres*, é abertamente delimitado pela autora em seu prefácio - cria um espaço unicamente feminino e, mais do que isto, lésbico, pois é esta última que tem sua identidade como centro da *trama* opaca wittigiana:

Enquanto tais produções culturais (língua, música, dança, performances, etc.) não são criadas com o intuito de dominar ou substituir a cultura normativa ou *mainstream*, como outras maneiras “ativas” de questionar o fariam, são formas de resistência. Recusam-se a ser assimiladas e ‘normalizadas’, escolhendo ao invés disso produzir uma alternativa que prove um espaço seguro de expressão e que – aliás – também possuem o potencial de fazer chacota e subverter a norma.¹¹

Este sujeito descentrado/fragmentado de Wittig (PERÓN, 2011) é um sujeito lésbico e que, portanto, foi silenciado e esquecido pela cultura. Longe de ser em qualquer nível *assimilada*, a literatura de Wittig cria uma nova poética, uma poética *para* lésbicas e, de alguma maneira, concede a este sujeito lésbico sua Opacidade:

E/u sou golpeada com a proibição na cidade onde vives. Lá e/u não tenho direito de ir. Elas soltam os cachorros em

¹¹ T., Anna. The Opacity of Queer Languages In: *e-flux* vol. 60, 12/2014. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/the-opacity-of-queer-language-2/> (último acesso em: novembro de 2016). Tradução minha.

mim quando e/u m/e aproximo. Compreendendo o direito de asilo, tudo m/e é recusado. (WITTIG, 1973: 34)¹²

O início do canto 20, destacado acima, tem recorrência em todo o resto do texto. Em diversos outros cantos é feita alusão à esta cidade onde a amante do eu-lírico mora, um lugar onde ela não pode ir sem ser ferida. Não possui sequer o direito de asilo, abrigo. Resta, enfim, o exílio na ilha onde habita, um espaço aberto que se opõe ao espaço fechado. Há, portanto, um espaço que é proibido ao *corpo lésbico*, que ele evita para sobreviver. Ora, a partir do momento que busca elaborar um discurso sobre aquilo que ainda não há (a lesbiandade) e o faz de maneira a atacar a linguagem, Wittig cria, dentro de seu texto, o *espaço seguro* do qual fala Anna T. e o faz reinventando e subvertendo as normas linguísticas – garantindo sua Opacidade, a singularidade da lésbica é, aqui, realçada: está em um não-lugar, para lembrar Augé, mas trata-se de um (não-) lugar que é plenamente seu. Os discursos heteronormativos opressores cuja *ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais* (WITTIG, 1992: 2), estão inteiramente representados pela cidade na qual a narradora não pode entrar; mas, como a autora afirma em seu prefácio, é através desta subversão da norma linguística que irá *forçar* sua entrada, pois deseja *violentamente* o direito de ser lésbica em toda a sua Opacidade.

O CORPO LÉSBICO: O CORPO EM RELAÇÃO

O corpo alienado do escravo, no tempo do sistema servil, é de fato privado, como se para esvaziá-lo inteiramente, da palavra. Se expressar é não somente proibido, mas impossível de conceber. Até na função da reprodução, o escravo está fora de si. Ele reproduz, mas para o senhor. Todo gozo é mudo, ou seja frustrado, alterado, negado. Em tal contexto, a expressão é precaução, reticente, sussurro, tramando fio à fio a noite nodosa. Quando o corpo se liberta (quando vem o dia) ele acompanha o grito, que é explosão. (GLISSANT, 1990: 238)¹³

¹² Do original: “J/e suis frappée d’interdit dans la cité où tu vis. Là j/e n’ai pas le droit d’aller. Elles lâchent sur moi vos chiens quand j/e m//approche. Y compris le droit d’asile, tout m//y est refusé.”. Tradução minha.

¹³ Do original: “C’est que le corps aliéné de l’esclave, au temps du système servile, est en effet privé, comme pour l’éviter entièrement, de la parole. S’exprimer est non seulement interdit, mais comme impossible à envisager. Jusque dans la fonction de reproduction, l’esclave est hors de lui-même. Il reproduit, mais c’est pour le maître. Toute jouissance est muette, c’est-à-dire déjouée, altérée, niée. Dans un tel contexte, l’expression est precaution, reticence, chuchotement.”

Ao ligar a escravidão com o corpo, Glissant rima com as teorias feministas, que também situam o corpo como espaço primeiro da opressão. Ao corpo escravizado, oprimido, são negados os direitos de produzir um discurso e de ter o controle de si, perdendo sua autonomia. De fato, os discursos biológicos, através de metáforas e analogias, durante muito tempo aproximaram a mulher e o negro escravo, utilizando as características de um para justificar a inferioridade do outro e vice-versa, de maneira que raças tomadas por inferiores eram sempre associadas diretamente ao feminino; as primeiras, eram inferiores perante à raça humana, a segunda era inferior perante o gênero (STEPAN, 1994: 85): unidas, compõem a classe dos subalternos. Desta forma, o signo mulher esteve presente nos discursos biológicos e jurídicos de maneira a ser ou diretamente rebaixada ou instrumento de rebaixamento. Uma vez que até muito recentemente a mulher fora confinada aos espaços privados, pode-se perceber que este confinamento, este isolamento social forçado, se dá, sobretudo, na restrição para o corpo, que não é livre para circular no espaço público. Como aponta Beauvoir, além de ter sido restringida ao ambiente doméstico, a função da maternidade recaiu sobre as mulheres na sociedade como uma obrigatoriedade fundamental: o destino feminino sempre esteve intimamente ligado à reprodução, sendo a mulher que não a deseja ou não é mãe retirada culturalmente da categoria *mulher*. Ora, a obrigação da maternidade é também uma forma de colonização do corpo¹⁴. Para prosseguir com minha reflexão sobre *Le corps lesbien*, esta digressão se torna necessária pois já neste título temos duas delimitações: o tema do corpo, por certo, mas este corpo *lésbico* não pode ser entendido simplesmente como um corpo feminino.

Monique Wittig, ainda em seu ensaio *A Mente Hétero*, afirma que a lésbica não é uma mulher. A mulher, segundo seu argumento, só existe enquanto termo que consolida a relação binária e de oposição ao homem. Esta relação é calcada, portanto, na heterossexualidade. A lésbica não se define nestes termos e escapa à lógica heterossexual; não há nada que defina a entidade lésbica se não a própria lésbica. Para Wittig, a linguagem tem poder de subordinar e excluir as mulheres, mas também pode ser radicalmente transformada pelos indivíduos em ação conjunta. O sexo, na linguagem, é criado pelas instituições da heterossexualidade compulsó-

tement, trames brin à brin dans la nuit nouées. Quand le corps se libère (quando vient le jour) il accompagne le cri, qui est explosion.”. Tradução minha.

¹⁴ Gostaria de frisar que embora os contextos sociopolíticos tenham se transformado enormemente desde a publicação de *O Segundo Sexo*, ainda se fazem presentes na sociedade diversos mecanismos que operam de maneira a controlar o corpo da mulher e demais sujeitos dissidentes: desde os discursos jurídicos até os midiáticos. Exemplo recente disto e anedótico (de enorme força simbólica) no Brasil, é a fala do deputado Jair Bolsonaro que afirmou que só não estupraria a colega deputada, Maria do Rosário, pois ela não seria “merecedora”. Ora, sua fala infere que há mulheres merecedoras do estupro, ou seja, que *merecem* a violação máxima de seus corpos. Este episódio deixa muito evidente a maneira pelas quais os discursos oficiais ainda se prestam à manutenção do controle do corpo da mulher. Em primeiro, o deputado coloca como característica central de sua colega a beleza, objetificando-a. Em segundo, usa a presença ou ausência dessa beleza como arma, enfatizando o corpo feminino como espaço da opressão.

ria, com o objetivo de limitar a produção de identidades sexuais. Para além disso, ainda seguindo o raciocínio wittigiano, a subjetividade feminina não pode eclodir sequer em meios não misóginos, tendo em vista que é uma ficção criada pela própria misoginia. A partir de seu raciocínio sobre a lésbica como terceiro gênero, Wittig vai contra a sexualidade genital e, portanto, contra a ideia freudiana de que a sexualidade se desenvolve e atinge uma “maturidade” (em oposição a sexualidade infantil difusa). É precisamente este caráter difuso da sexualidade que Wittig realça. Esta proposta elabora uma política “pós-genital” (BUTLER, 2010).

Ao retirar a lésbica da matriz heterossexual ao mesmo tempo que pulveriza as noções de ser e de essência, Wittig realiza um gesto descolonizador: “(...) l’identité pour les peuples colonisés sera en premier lieu un “oppose à”, c’est-à-dire au principe une limitation. Le vrai travail de la décolonisation aura été d’outrepasser cette limite.” (GLISSANT, 1990: 29). Não mais definida a partir do homem, a lésbica (ou o devir lésbico, para lembrar Deleuze) nomeada por Wittig¹⁵ tem agora a liberdade de criar suas próprias categorias, reinventá-las constantemente, e não falar mais nos termos heteronormativos. Contudo, mesmo que se tome como verdadeira a tese de que a lésbica não é uma mulher, o corpo lésbico ainda assim está submetido à opressão:

O corpo das lésbicas, desse modo, na era moderna se forma em meio aos mecanismos repressivos, a exemplo dos inúmeros exames de cunho médico-psiquiátrico que patologizaram as práticas tidas como contrárias à normalidade, ocorrendo, assim, a sujeição desse corpo. Nota-se uma submissão do corpo (...) [e] Está aí a ideia da biopolítica, que constituiu o corpo, transcrevendo enredos por meio de técnicas que conformam esse corpo na garantia de uma ordem social. (COSTA, 2011: 60)

Gostaria de apontar que o *corpo lésbico* que Wittig escreve é um corpo sempre em Relação, que se revela pelo próprio adjetivo *lésbico*; mesmo que consideremos a lésbica enquanto um terceiro gênero e não enquanto uma orientação sexual, que necessariamente embute em si o Outro. O próprio conceito de gênero *não representa um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe* (LAURETIS, 1994: p.211). Se o gênero, assim como definido por Lauretis, expressa intrinsecamente uma Relação social e, ao mesmo

¹⁵ “Convém falar de um ponto de vista lésbico, no sentido de que a lesbiandade, para ela [Wittig], “abre uma outra dimensão do humano” e não se baseia na diferença dos sexos. Desta maneira, o sujeito lésbico “NÃO É uma mulher, nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente” (PERÓN, 2011: 5). Tradução minha.

tempo, no âmbito político representa uma identidade, então é possível pensar a lésbica de *Le corps lesbien* a partir da noção glissantiana de Relação:

Gostaríamos de ressaltar que o que caracteriza todas as linhas de forças glissantianas, presentes na noção de Relação, é a ideia de movimento: seja na confluência das culturas e na concepção de uma Totalidade-Terra aberta; seja na proposta de uma Identidade-Relação enquanto raiz-rizoma que vai ao encontro de outras raízes... (ROCHA, 2002: 32-39)

A Identidade-Relação que se esparrama em direção às outras está agressivamente presente em *Le corps lesbien*. A cada canto esta identidade destrói a si mesma para se reconstruir no momento seguinte. Os encontros entre as duas lésbicas, na ilha onde se ambientam os cantos, extrapolam as descrições meramente eróticas ou de uma subjetividade lésbica, mas tornam-se uma violência que transforma o corpo:

Tua mão teu braço em seguida entraram em m/inha gargante, tu atravessas m/inha laringe, tu alcanças m/eus pulmões, tu registras m/eus órgãos, tu m/e fazes morrer de dez mil mortes enquanto e/u sorrio, tu arrancas m/eu estômago, tu rasgas m/eus intestinos, tu fazes vir tua mais perfeita fúria em m/eu corpo, e/u grito mas não de dor, e/u sou reunida atingida (...) (WITTIG, 1973: 108-109)¹⁶

O corpo lésbico passa a ser desintegrado, rasgado, a todo encontro com este personagem dúbio que é a amante do eu-lírico, esta que habita a cidade onde o corpo lésbico é proibido de entrar. A Identidade-Relação da lésbica, na obra de Wittig, possui este *status* duplo: ao mesmo tempo que estabelece uma relação sexual com esta personagem não nomeada, esta relação não se limita a isto e expõe um conflito: o corpo, ao mesmo tempo que é dado consensualmente, pois morre a narradora de dez mil mortes enquanto *sorri*, é submetido à uma violência extrema. A Identidade-Relação, aquela que se estende em direção às outras, que busca o Outro, é aqui narrada já em choque com este Outro: o momento do encontro, em *Le corps lesbien*, um encontro brutal.

¹⁶ Do original: “Ta main ton bras pas la suite sont entrés dans m/a gorge, tu traverses m/on larynx, tu atteins m/es poumons, tu repertories m/es organes, tu m/e fais mourir de dix mille morts tandis que j/e souris, tu arraches m/on estomac, tu déchires m/es intestins, tu fais aller ta plus parfaite fureur dans m/on corps, j/e cris mais non pas de peine, j/e suis rejointe atteinte (...)”. Tradução minha.

Uma vez que se compreenda o espaço cidade como alegoria para a heteronormatividade – lá, onde a lésbica não pode nem entrar e nem falar – que se opõe ao espaço ilha, onde a lésbica pode, enfim, sê-lo, temos duas representações distintas que recaem na narradora e sua amante. A primeira, a lésbica, o terceiro gênero, deve inventar novas categorias e novos modos de se dizer. A segunda, bem-vinda no espaço heterossexual, é a mulher. Dois corpos femininos que, semelhantes, atacam-se, amam-se: falam línguas diferentes, mas encontram-se na linguagem criada por Wittig (e aqui faço a diferença entre língua e linguagem tal como pensada por Glissant¹⁷). A Relação entre ambas expressa, ao mesmo tempo que o encontro, também a separação – os órgãos do corpo são espalhados, mutilados, e, simultaneamente, adorados; a distinção teórica que faz Wittig entre a mulher e a lésbica é literariamente posta à prova, expressando um conflito que é ao mesmo tempo amor e destruição, dor e adoração. Um jogo de espelhos entre semelhança e diferença. O conflito na arena de *Le corps lesbien* é aquele entre a lésbica e a mulher que se dá em um plano dúbio de diferenças e igualdades: a linguagem, a literatura, no entanto, dão lugar a ambas, que se se destroem em um canto, amam-se e são somente Um no seguinte:

Uma tempestade nos vem para terminar, ela se precipita toda através de nós, dispersando os músculos. E/u ouço primeiro teus gritos, então e/u ouço que e/u grito como tu, são os gemidos das sereias, eles ecoam no interior dos túneis escancarados de uma parte ou de outra de nossos dois corpos que são no presente um organismo único percorrido por vibrações trepidantes cheio de suas próprias correntes, não é m/inha mais querida? (WITTIG, 1973: 123)¹⁸

LESBIANIZAÇÃO E POÉTICA: DA VIOLÊNCIA À EXISTÊNCIA

A subversão formal e a movimentação de mitologias e imaginários em *Le corps lesbien*, se por um lado desagradava parte da crítica feminista e afasta leitores¹⁹, por outro possibilita a reflexão acerca da ideia de poética interseccionada com as questões de gênero. A crítica Karen Cope, em seu ensaio intitulado *Plastic Actions*:

¹⁷ “A linguagem é a língua, mas, como diria Deleuze, minimizada, quer dizer a língua utilizada em uma perspectiva de arte”(GLISSANT, 2010: 98). Tradução minha.

¹⁸ Do original: “Une tempête nous vient pour finir, elle se rue tout au travers de nous, dispersant les muscles. J//entends d’abord tes cris, alors j//entends que j/e crie comme tu fais, il s’agit de mugissements de sirènes, ils se répercutent à l’intérieur des tunnels béants de part et d’autre de nos deux corps qui sont à présent un organisme unique parcouru de vibrations trépidant plein de ses propres courants, ne l’est-il pas m/a plus chérie?”. Tradução minha.

¹⁹ “What then is Wittig about that so puts off mainstream readers?” (SHAKTINI, 2005: 154)

Linguistic Strategies and Le corps lesbien, sugere que Wittig realiza um movimento literário que batiza de *lesbianização*:

Esse ardil combativo que Wittig reintroduz através da estrita atenção à linguagem, chamarei “lesbianização”, uma prática de *détournement* dos pressupostos e linguagem da heterossexualidade utilizados como arma estratégica na batalha pela liberação das “mulheres” de opressões e omissões da lógica binária (...) Wittig transformou a atividade da *lesbianização* em uma máquina de guerra literária. (COPE, 1991: 76)²⁰

Tendo em vista a temática da lesbiandade como central na obra, ao mesmo tempo que o trabalho de linguagem apresentado se liga com esta temática de maneira a escapar do dizer heterossexual, o termo *lesbianização* e sua conceituação tal como realizada por Cope abarca as problemáticas principais, literárias e políticas, presentes em *Le corps lesbien*. Contudo, parece-me possível, uma vez que se atente para Glissant, dar o salto para pensar na ideia de poética.

Da mesma maneira que Cope fala em *lesbianização* literária e linguística quando fala em Wittig, Édouard Glissant fala em *crioulização*. Quando questionado por Lise Gauvain sobre o significado de “subverter a língua”, Glissant afirma:

A subversão vem da *crioulização* (aqui, linguística) e não de *crioulismos*. O que as pessoas retêm da *crioulização*, é o *crioulismo*, quer dizer: introduzir na língua francesa as palavras *crioulas*, criar palavras francesas novas a partir de palavras *crioulas*. Acredito que esse é o lado exótico da questão (...) A *crioulização* para mim não é o *crioulismo*: é, por exemplo, gerar uma linguagem que tece poéticas. (GLISSANT, 2010: 25-26)²¹

Enquanto o *crioulismo* recai em um engessamento identitário, a *crioulização* é um processo em constante andamento e renovação, pois tem em si imbricadas as poéticas e, portanto, compreende o *estar* no mundo de maneira fluida, em uma

²⁰ Do original: “This combative ruse which Wittig reintroduces by way of strict attention to language I will call “lesbianization”, a practice of *détournement* of the presumptions and language of heterosexuality used as a strategic weapon in the battle of the liberation of “women” from oppressions and omissions off dyadic logic (...) Wittig has made the activity of *lesbianization* into a literary war machine.” Tradução minha.

²¹ Do original: “La subversion vient de la *créolisation* (ici, linguistique) et non de *créolismes*. Ce que les gens retiennent de la *créolisation*, c’est le *créolisme*, c’est-à-dire: introduire dans la langue française des mots *créoles*, fabriquer des mots français nouveaux à partir de mots *créoles*. Je trouve que c’est le côté exotique de la question. (...) La *créolisation* pour moi n’est pas le *créolisme*: c’est par exemple engendrer un langage qui tisse les poétiques”. Tradução minha.

concepção glissantiana. A *lesbianização* e a *créolisation* confluem, também rimam; ambos são processos que, por via de um trabalho de linguagem subversivo, transformam-se em um ato político, poético, de afirmação identitária. Ambos atentam a uma reação poética face um processo de colonização e apagamento histórico que se deu por vias distintas, mas não menos poderosas. Embora Cope dê ao movimento uma carga de violência (*a war machine*) e Glissant exponha uma abordagem mais lírica, ambos tratam de identidades rizomáticas: transnacionais, heterogêneas, que não podem ser nem engessadas e nem categoricamente definidas, pois sempre em fluxo. Assim como a lésbica de Wittig, enquanto terceiro gênero, não pode ser reduzida a uma orientação sexual lésbica e tampouco situada pontualmente em um único espaço-tempo, o *créol* de Glissant ultrapassa o ex-colono francês no Caribe, mas flui através de uma rede global histórica na qual estão presentes as heranças da dominação, fundando uma maneira de ver o mundo e estar nele.

Se para Glissant há, na *créolisation*, necessariamente este tecido, esta trama de poéticas, seria possível afirmar o mesmo sobre a *lesbianização* presente no livro de Wittig? Responder a esta pergunta é tarefa complexa, sobretudo a partir de afirmações da própria Monique Wittig, que recusa as classificações teóricas de *escrita feminina*, por exemplo, que poderiam ser um ponto de partida para pensar a questão da poética. Segundo a autora, a ideia de uma *écriture féminine*, muito difundida pela crítica literária feminista²² (sobretudo nas correntes críticas francesas) só faz recair novamente nas oposições binárias, caras à manutenção dos discursos da heterossexualidade compulsória. Desta perspectiva, nomear como *escrita feminina* (ou mesmo *escrita feminina lésbica*) ou procurar teorizar uma poética feminina só perpetuaria o movimento que constrói a mulher sempre em relação ao homem, além de se correr o risco de cair em arcaísmos essencialistas, infrutíferos. Para Wittig, é preciso a criação de uma literatura e uma crítica que em nada se liguem às criações masculinas, nem de maneira a divergir nem a convergir e este seria, enfim, o verdadeiro ataque ao falocentrismo, base discursiva da heterossexualidade compulsória.

Por outro lado, os estudos de gênero e os estudos culturais, de alguma forma, tiveram a necessidade de nomear uma *literatura feminina*, uma *literatura homossexual*, assim como uma *literatura negra*. Estas denominações me parecem coerentes quando pensamos que não se fala de uma literatura branca ou uma literatura masculina, pois estas se colocam de maneira pretensamente homogênea, mascarando as relações de poder e hierarquia envolvidas nestes julgamentos de valor. Sublinho que, aqui, penso a literatura enquanto instituição, não enquanto manifestação/criação cultural isolada, livre de relações de poder. Fato é que teóricos e críticos de diversas disciplinas sentiram a necessidade de demarcar a dife-

²² Ver: DIDIER, Béatrice. *L'écriture-femme.*; CIXOUS, Hélène. *Le rire de la meduse.*

rença (autoral) entre a literatura escrita por uma mulher, por uma mulher negra, por uma mulher lésbica, por um homem negro etc., e o cânone tradicional. Se por um lado Wittig não está errada quando afirma as oposições dicotômicas enquanto nocivas e possíveis obstáculos muito mais do que auxílios, por outro é preciso reconhecer a importância destas demarcações para a criação de novos campos epistemológicos que escapem às categorias já fixadas por uma literatura dominante que, por sua vez, é posta neste patamar canônico por uma crítica e uma teoria também elas dominantes. Trata-se, assim, de um impasse, a meu ver muito mais teórico do que ideológico, posto que o objetivo final para ambos os lados da questão recai na elaboração de uma nova maneira de criar, assim como uma nova maneira de abordar criticamente estas criações.

Meu objetivo, contudo, não é aprofundar este impasse. Procuo responder à pergunta colocada sobre a presença de poéticas no movimento de lesbianização da escrita de Wittig, sem ignorar que as questões identitárias e de poder e suas intersecções com a literatura são relevantes para a elaboração desta resposta. Se resumir as problemáticas acerca da poética em *Le corps lesbien* ao conceito de *escrita feminina* seria ignorar a ferrenha oposição aos binarismos colocada pelo eu-lírico, bem como pela autora, afirmar que a lesbianização, assim como a *créolisation*, abarca as poéticas sem aprofundar-me nisto também não encerraria a questão.

Há poética forçada lá onde uma necessidade de expressão confronta uma impossibilidade de exprimir. Acontece que este confronto se nutre em uma oposição entre o conteúdo exprimível e a língua sugerida ou imposta. (...) A poética forçada nasce da consciência desta oposição entre uma língua da qual nos servimos e uma linguagem da qual precisamos. (GLISSANT, 1990: 236-237)²³

A definição de poética forçada, criada por Glissant, encontra-se perfeitamente com *Le corps lesbien*, tanto nos pressupostos teóricos delimitados pela autora quanto no texto em si, pois:

Eu usa uma linguagem alheia a ela; esse Eu não pode ser ‘un écrivain’. Se, ao escrever eu, Eu adoto sua linguagem, esse eu não pode fazê-lo. E/u é o símbolo da vívida e contínua experiência que é m/inha escrita, deste cortar em dois que através da literatura é o exercício da linguagem que não

²³ Do original: “Il y a poétique forcée là où une nécessité d’expression confronte un impossible à exprimer. Il arrive que cette confrontation se noue dans une opposition entre le contenu exprimable et la langue suggérée ou imposée. (...) La poétique forcée naît de la conscience de cette opposition entre une langue dont on se sert et un langage dont on a besoin.”. Tradução minha.

m/e constitui como sujeito. E/u coloca a pergunta ideológica e histórica dos sujeitos femininos. (...) Se E/u examino m/inha situação específica enquanto sujeito na linguagem, E/u sou fisicamente incapaz de escrever Eu, E/u não tenho nenhum desejo de fazê-lo. (WITTIG, 1975: 10)²⁴

O ataque formal de Wittig à linguagem se origina desta impossibilidade de exprimir aquilo que se deseja, pois a língua francesa e suas imposições categóricas não são capazes de expressar o corpo lésbico ou o sujeito feminino. A poética forçada de *Le corps lesbien* nasce declaradamente disto que Glissant chama de consciência da *oposição entre uma língua da qual se serve e uma linguagem da qual se precisa*. Ora, esta consciência só pode nascer a partir do momento em que se reconhece que os discursos dominantes não só não falam sobre o sujeito, como também o oprimem. Quando Wittig realiza, em seu prefácio, o gesto descolonizador e nomeador, trazendo à luz a existência literária lésbica, está reconhecendo a ausência do discurso sobre este sujeito lésbico, sobre a identidade lésbica. E, ao mesmo tempo, com sua subversão linguística e a maneira com a qual movimentava imaginários e mitos²⁵, criando em seu texto um *espaço lésbico*, há uma abertura para se pensar uma *poética forçada lésbica* – esta sim livre das oposições binárias, pois não feminina, nem masculina; ao mesmo tempo que não é rígida, é simplesmente possível. Em nenhum momento Wittig prega que esta seja a única maneira de escrever a lésbica, mas afirma ser esta a sua maneira. O que sua subversão faz é demonstrar que é preciso escapar às dicotomias e buscar novas categorias que estejam fora do espectro da heterossexualidade compulsória: a lésbica, ela também, tem direito à Opacidade e, para além disso, tem direito a elaborar um discurso sobre si própria:

E/u não tenho direito de cidadania no lugar onde tu vives. Elas fabricaram um boneco semelhante a m/inha imagem. No momento ele queima na vasta praça, e/u o vejo, as chamas m/e atingem os pés a fumaça m/e envolve através das nuvens cor enxofre, e/u percebo a multidão compacta, e/u escuto as espécies de cantos alegres que lhes sobem aos lábios. Elas desnudam o peito em sinal de contentamento. Tu não estás em parte alguma ou tu te escondes atingida pelo dor e humilhação ou então procurando a sombra dos jar-

²⁴ Tradução minha.

²⁵ “As várias partes de *Le corps lesbien* podem ser vistas como uma apropriação e recriação da Santa Missa: Nascimento, Glória, Invocação, Paixão, Ascensão, Assunção (...) E claro na parte central da missa, Comunhão, a frase “este é meu corpo” (ecoando o “corpo” de *Le corps lesbien*) figura proeminentemente” (OSTROVSKY apud BOURQUE, 1994 : 116). Tradução minha.

dins e o barulho da água nas varandas, ou então tu és vigiada de perto detida em algum lugar restrita de as escutar em seu canto de morte onde membro à membro elas m/e rasgam. Mas é melhor m/inha muito delicada que tu estejas cega do que olhar de olhos abertos aquilo que por ordem delas e/u suporte (...) e/u grito que elas façam se ela ousam que elas m/e destruam com minúcia tão perfeita que não se encontre mais de m/im o mais secreto de m/eu corpo e/u escuto um rugido doce e furioso, teu nome m/e percorre e m/e orgulha, enquanto tu m/inha querida tu m/e retenhas e m/e guarde em ti, e/u vivo para sempre na memória dos séculos, que assim seja. (WITTIG, 1973: 149-150)²⁶

Neste canto, a eu-lírico narra ver um boneco feito à sua imagem e semelhança sendo queimado em praça pública pelas habitantes da cidade proibida. O regozijo do público e a ausência da amada, ao contrário de atordoarem, levam ao desafio. A lésbica, representada pelo eu-lírico, assiste o fogo tomar a réplica de seus órgãos e seu corpo, tornando-se cinzas diante de seus próprios olhos. As fogueiras em praça pública são um conhecido método medieval que punia com a morte nas chamas as mulheres acusadas de serem desviantes no período; o que narra o eu-lírico de *Le corps lesbien* faz ecoar esta punição e, contudo, não é o seu verdadeiro corpo a queimar, mas um suporte que o representa. O fogo destrói somente ao símbolo, não é capaz de fazer o mesmo com a lésbica, pois ela viverá através dos séculos enquanto viver em outra, ou outras. A poética forçada lésbica, a lesbianização, elaboram um discurso sobre e para a lésbica em que demarcam seu existir. A força deste trecho reside no caráter político de afirmar a sobrevivência contínua: uma existência anterior reconstruída no presente e, pela recusa de ser queimada em praça pública, afirmada em seu futuro: a lésbica existe, resiste e fala sobre si própria para outras.

São recorrentes (por demais) ao longo do texto às menções à poeta Sappho, que por si só representa esta lésbica que sobrevive no imaginário a passagem do tempo

²⁶ Do original: “J/e n’ai pas droit de cité dans le lieu où tu vis. Elles ont façonné un mannequin suivant m/a figure. A présent il brûle sur la vaste place, j/e le vois, les flammes m//atteignent aux pieds la fumée m//enveloppe à travers les nuages couleur soufre, j//aperçois la foule très compacte, j//entends les espèces de chants joyeux qui leur montent aux lèvres. Elles ont dénudé leur poitrine en signe de contentement. Tu n’es nulle part ou bien tu te caches frappée de douleur et d’humiliation cherchant l’ombre des jardins et le bruit d’eau sur les terrasses, ou bien tu est étroitement surveillée détenue dans quelque place contrainte de les écouter dans leur chant de mort où membre à membre elles m/e déchirent. Mais mieux vaudrait m/a très délicate que tu sois aveugle plutôt que de regarder tous yeux ouverts ce que par leur ordre j//endure. (...) j/e crie qu’elles le fassent si elles l’osent qu’elles m/e détruisent avec une minutie si parfaite qu’on ne trouve plus de m/oi le plus secret de m/on corps j//écoute un feulement doux et furieux, ton nom m/e parcourt et m//enorgueillit, pourvu que toi m/a chérie tu m/e retiennes et m/e recèles en toi, j/e vis jamais dans la mémoire des siècles, ainsi soit-il.” Tradução minha.

– permanece: está em seus fragmentos de poemas, nos cantos de *Le corps lesbien* e, até mais recentemente, nas *graphic novels* de Alison Bechdel:

(...) glória à Safo por tanto tempo enquanto vivermos neste sombrio continente. (WITTIG, 1973: 58)²⁷

Esta frase finaliza o canto XXXIV e demonstra mais uma vez essa espécie de pregação por uma memória coletiva que preserve os símbolos e os personagens de outrora. Para além de, como coloca Cope, uma lesbianização linguística, *Le corps lesbien* possui também uma força de lesbianização da própria tradição, colocando como ídolos a serem adorados lésbicas do passado. A vasta dimensão intertextual de *Le corps lesbien* (BOURQUE, 1995), quando esmiuçada, exhibe este movimento de lesbianização histórica. Os mitos e rituais são reformulados de maneira a pertencerem, também, à lésbica. Àquelas que fizeram parte da história, como Sappho, resta à devoção do – sempre – lembrar. Assim é possível afirmar uma poética forçada lésbica no âmbito formal e uma lesbianização no plano do conteúdo: ambas operando juntas de maneira a tecer um imaginário, literário, para a identidade lésbica.

Gostaria de retomar a frase de Nicole Brossard, escolhida para ser a epígrafe deste texto: “uma lésbica que não reinventa o mundo é uma lésbica em vias de desaparecer”. A eu-lírico de Wittig recusa-se a desaparecer, pois reinventa o mundo. E reinventa o mundo, pois não desaparece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Colloque du Centre Georges Pompidou 23 et 27 juin 1997. Paris: Supplémentaire, 1997.

BOURQUE, Dominique. *De l'intertextualité mythique dans Le corps lesbien de Monique Wittig*. 1994. 136 f. Tese (Doutorado) – Université d'Ottawa. Ottawa, 1995.

COSTA, Zora. *Safo, Foucault e Butler: a construção do corpo político lesbiano*. 2011. 192 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, 2011.

GLISSANT, Édouard. *Le Même et le Divers* In: *Le discours Antillais*. Paris: Seuil, 1981.

_____. *Poétique de la Relation* (Poétique III). Paris: Gallimard, 1990.

²⁷ Do original: “(...) gloire à Sappho pour aussi longtemps que nous vivons dans ce continent noir.”. Tradução minha.

_____. *L'imaginaire des langues*. Entretiens avec Lise Gauvain (1991-2009). Paris: Gallimard, NRF, 2010

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero* In: *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

OLIVEIRA, Mariana Edi Rocha Gonçalves de; RODRIGUES, Larissa de Oliveira. *Descolonizando o feminismo: desafios para a construção do feminismo latino-americano*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386703062_ARQUIVO_MarianaEdiRochaGoncalvesdeOliveira.pdf

PÉRON, Alison. *Thérèse et Isabelle de Violette Leduc et le sujet décentré de Wittig*. Sens Public, n.2, p. 3-22, 2011. Disponível em: http://www.sens-public.org/IMG/pdf/SensPublic_CREF_2_APeron.pdf

ROCHA, Enilce. *A noção de Relação em Édouard Glissant*. Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v. 6 n.2, p. 32 -39, 2002.

SHAKTINI, Nemascar. *On Monique Wittig: Theoretical, Political and Literary essays*. Chicago: University of Illinois Press, 2005.

STEPAN, Nancy Leys. *Raça e gênero: o papel da analogia na ciência*. In: *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

T., Anna. *The Opacity of Queer Languages* In: e-flux vol. 60, 12/2014. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/the-opacity-of-queer-language-2/> (último acesso em: 15/12/2014)

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and other Essays*. Boston: Beacon, 1992.

_____. *Le corps lesbien*. Paris: Les éditions de Minuit, 1973.

_____. *Author's Note* In: *The Lesbian Body*. Nova York: William Morrow and Company, 1975.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.